

CARTOGRAFANDO QUINTAIS: Memórias e histórias no ensino de geografia.

REIS, Matheus Raiol dos ¹
SILVA, Meres Furtado e ²
FERREIRA, Enzo de Jesus ³
MOREIRA, Aninha Melo ⁴

RESUMO: A cartografia está presente em nossas vidas, cabendo ao professor de Geografia ensinar este conhecimento, permitindo que o aluno consiga aplicá-lo na prática. Após uma dinâmica em sala, notamos que os alunos possuem dificuldades em se localizar de acordo com a referência. Diante disso, foi pensada a produção de uma cartografia social sobre os espaços de vivência dos alunos, abordando seus quintais. O projeto foi desenvolvido em três momentos, o primeiro; a escrita de um texto descritivo sobre seus quintais, abordando lembranças e memórias, além de descrever todos os objetos que há dentro dele. O segundo; se deu pela produção dos croquis em sala com os alunos inserindo todas as informações descritas no texto e o terceiro; foi a socialização dos bolsistas com os alunos, pontuando e tecendo considerações a respeito. No decorrer do trabalho houve uma certa dificuldade dos alunos em representar o seu espaço, o que reforça a importância do presente projeto. Analisamos a aplicação em sala com um resultado positivo no geral, uma vez que extraímos dos alunos o que queríamos e até um pouco mais. Contribuímos para o processo de ensino e aprendizagem não só em se localizar no espaço e a representá-lo, como também em descrevê-lo e observá-lo no seu cotidiano. No âmbito geral, o presente projeto apontou a necessidade em direcionar maior atenção do professor para o ensino sobre cartografia, localização e representação dos espaços, dado a importância que o tema trabalhado possui no dia-a-dia dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia social; pibid; alfabetização cartográfica; quintais.

1 INTRODUÇÃO

Uma simples atividade em sala de aula, sobre a localização de um ponto referencial aos pontos cardeais, nos deu indícios de que os alunos do 2º ano (Médio) possuíam uma grande dificuldade de entenderem sua própria localização em relação a um ponto referencial distinto que não seja seu corpo. A partir dessa observação foi percebida a necessidade de traçar um projeto para auxiliar estes alunos. Assim, foi pensado o projeto "Cartografando quintais", o qual teve como objetivo traçar uma cartografia social sobre o espaço de vida cotidiana que, em sua maioria, se dá pelas

¹ Graduando em Licenciatura no curso de Geografia, Bolsista no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), IFPA, Campus Bragança-PA, matheusmuller239@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura no curso de Geografia, Bolsista no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), IFPA, Campus Bragança-PA, meresfurtado@gmail.com

³ Graduando em Licenciatura no curso de Geografia, Bolsista no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), IFPA, Campus Bragança-PA, enzoleeabdir@gmail.com

⁴ Professor orientador/ coordenadora de área do subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), IFPA, Campus Bragança-PA, aninha.moreira@ifpa.edu.br

casas e entorno (quintais) dos alunos, da E.E.E.F.M. Monsenhor Mâncio Ribeiro, no Município de Bragança Pará.

Compreendemos também que esta abordagem contempla um dos requisitos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que nos possibilitou analisar por meio de aplicação de diagnóstico o entendimento e as habilidades mais simples sobre uma alfabetização cartográfica dos alunos da turma do 2º ano do Ensino Médio. A partir daí, traçamos juntos a escrita-descritiva dos quintais com ênfase na memória afetiva e histórias (dos parentes e dos próprios alunos), assim como a produção de mapas (croquis) como forma de materializar em carta simples a localização e a espacialização dos espaços dentro dos quintais, gerando um entendimento de como podemos nos localizar e construir mapas simples, com representações e linguagens simbólicas que fazem sentido para quem comunica e quem lê as cartas.

Assim, o trabalho foi dividido em três momentos. O primeiro momento foi uma aula esclarecendo tudo sobre o projeto e introduzindo assuntos como; cartografia social, o que é um croqui e como fazer um, além de pontuar a importância de escrevermos nossas memórias que estão diretamente ligadas ao lugar onde as construímos, lugar esse que para a maioria dos alunos é sua casa e o entorno (os quintais), gerando um texto narrativo-descritivo abordando seu cotidiano nesse espaço. O segundo momento, foi de orientação em carta, e nesse sentido os alunos fizeram um croqui representando os elementos encontrados em seus quintais, como por exemplo: árvores, barracas, plantas medicinais, locais de lazer, etc. O terceiro e último momento se deu pela socialização dos bolsistas com os alunos, abordando as histórias e os sentimentos que foram retratados nas redações e nos croquis, pontuando sobre a presença da geografia no cotidiano e mostrando que ela está para além dos muros da escola.

O trabalho se desenvolveu ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2023. Desde o seu planejamento, tendo suas etapas aplicadas em sala de aula até a leitura dos textos narrativos-descritivos, juntamente com a observação e leitura dos croquis produzidos pelos alunos, ressaltamos a importância deste trabalho para incentivar a observação e a representação dos espaços que o aluno está inserido, proporcionando a ele uma visão sistematizada do seu lugar, expressando os sentimentos e lembranças que carregam, assim como promover a valorização do aluno pela participação na construção do projeto.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com a turma do segundo ano do Ensino Médio da escola Monsenhor Mâncio Ribeiro e teve como objetivo a alfabetização cartográfica em pequena escala, fazendo com que o aluno perceba o que está presente na sua vida desenvolvendo as noções de localização, orientação espacial e dessa forma conseguir observar seus espaços e realizar a leitura deles para assim transcrevê-los a partir do seu olhar.

A metodologia do projeto foi pensada em momentos que se dividem desde o planejamento, apresentação ao coordenador geral e supervisor, aplicação até a culminância. A realização da pesquisa bibliográfica se deu pela busca de autores que discutem sobre a aplicação da cartografia em sala de aula como Castellar e Vilhena, 2009; Almeida e Passini, 2009; assim como consta na habilidade (EM13CHS106) da BNCC que diz sobre sua aplicabilidade de forma crítica e significativa, favorecendo a resolução de problemas, difusão de práticas sociais e desenvolver o protagonismo no aluno. Traçamos meios, aplicação, execução e finalização do projeto, assim como faríamos o encaixe no devido tempo para que pudesse atender o início e o fim dentro de um tempo hábil.

A introdução do projeto para a turma foi feita em uma breve aula em que apresentamos o projeto, descrevendo sua metodologia e quais possíveis análises chegaríamos, como por exemplo; a alteração da visão geográfica além da escola. O objetivo foi que os alunos pudessem opinar sobre o projeto, e para isso, fizemos um momento de escuta para que eles usassem suas vozes promovendo sua participação no processo de aprendizagem e o seu olhar quanto a disciplina de Geografia, dando opiniões para acrescentar, retirar, ou nos dizer se o projeto era relevante. Com os resultados obtidos através da escuta sobre a opinião dos alunos com relação ao projeto, passamos a dar materialidade ao mesmo.

O projeto ganhou sua forma, passamos a escrever o mesmo, materializando a ideia com a análise das etapas anteriores. Em seguida, apresentamos ao coordenador geral do subprojeto e ao professor supervisor para que pudessem analisar e aprovar.

A aplicação prática do projeto se deu, primeiramente, pela aula introdutória explicando o que é uma cartografia social, quais os propósitos, como usar a

simbologia da legenda de mapas, os tipos de carta que existem, e o nosso objetivo final, que é a produção cartográfica mais básica, o croqui. A atividade recomendada para os alunos foi de observação de seus quintais, para a escrita de uma redação narrativa-descritiva de até uma lauda. As principais recomendações foram: observar o espaço, seu uso, e o que contém (árvores, de que tipo?) Tamanho do espaço: pequena, média ou grande escala? Uso do espaço: construções do que? Plantio de plantas medicinais: quais tipos e plantadas por quem? (Investigar sobre memórias dos seus quintais com seus parentes).

A etapa seguinte se deu pela entrega das redações por parte dos alunos e a partir desse momento passamos a construir os croquis baseado nas descrições de cada texto individual, respeitando e educando os alunos a ficarem atentos às regras da cartografia que implicam na produção do croqui. Usamos materiais como papel do tipo Canson, lápis grafite, régua, caneta hidrocor e lápis de cor. Todo esse processo ocorreu sob nossa supervisão no decorrer de duas horas-aula, que correspondem a 90 minutos.

Por fim, realizamos as análises do material produzido e planejamos a culminância do projeto que ocorreu da seguinte forma: sala de aula em formato de círculo, apresentações dos croquis com abertura para discussões e contribuições por parte dos alunos e dos bolsistas; realizando comparações das redações com os respectivos croquis, no intuito de perceberem como a geografia e a cartografia estão presentes em nossas histórias e memórias do cotidiano, além de salientar o quanto é importante sabermos nos localizar e socializar com o espaço, assim como identificar e materializar a sua visão de espaço.

Dessa forma, foi possível compreender a dinâmica da percepção do aluno em relação ao espaço, fazendo a leitura da reprodução cartográfica (croqui), como nossas percepções às constroem e o quanto nos educarmos geograficamente é importante para nosso cotidiano, compreendendo que a geografia não é uma ciência que se desvincula de nossas vidas e que está presente apenas nas salas de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pensamos nesse projeto para as demandas dos diagnósticos que fizemos do PIBID nos três primeiros meses iniciais, separamos pontos relevantes nos quais queríamos saber se haveria uma confirmação destes pontos. Na primeira

aula com a turma do segundo ano do ensino médio, resolvemos nos apresentar com uma aula mais dinâmica, trazendo uma roda de brincadeira para compreender como eles se orientavam sobre os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste). Consideramos os seguintes pontos de referências, tomamos como exemplo, a cidade de Bragança em relação à Praia de Ajuruteua (praia que fica ao Norte da cidade de Bragança, há 36km). Consideramos fazer perguntas de linguagem mais simples como: para que lado do ponto cardinal nasce o sol em Bragança? Usando o mesmo ponto de referência (a cidade de Bragança) perguntamos sobre a localização da praia de Ajuruteua à Bragança, e que ponto cardinal correspondia?

Conseguimos perceber que o senso comum do dia a dia e as repetições sobre nascer e pôr do sol, facilitou a aprendizagem do aluno em relação ao lugar (relacionado ao ponto cardinal Leste, o nascer do sol), porém ao fazermos o mesmo teste mudando só um dos pontos de referência, causou uma desorientação com uma leve confusão, pois os estudantes não sabiam para onde apontar o Norte, que fica justamente onde se localiza a praia de Ajuruteua. De acordo com o que levantamos, consideramos as seguintes orientações do seguinte trecho de Almeida e Passini (2009, p. 26).

O espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. É apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorrê-lo, delimitá-lo, ou organizá-lo segundo seus interesses. Daí a importância de exercícios rítmicos e psicomotores para que ela explore com o próprio corpo as dimensões e relações espaciais.

Sabemos que quando Almeida e Passini trouxeram essa discussão no ano de 2009, o público alvo seriam as crianças do ensino Fundamental, então compreendemos que o mesmo método poderia nos dar um bom resultado de diagnóstico, embora nosso público sejam jovens de 15 a 20 anos. O Ensino de Geografia, quando levado para sala de aula considerando as brincadeiras pedagógicas, estas podem ser adaptadas a qualquer idade, desde que tenhamos um pré-diagnóstico que nos aponte essas deficiências.

Considerando essa etapa, passamos a organizar as ações para concretizar o projeto, decidimos fazer análise de produção de uma carta croqui, considerando o conceito de lugar, avaliando a vivência do dia a dia do aluno para com seus quintais, em seguida a produção de uma redação para contar os relatos, tanto das experiências vividas, quanto das experiências dos sujeitos de sua investigação (parentes, como avô, avó, pai, mãe, tios e afins), assim como descrever a visão

atual, quanto as condições e a espacialidade do lugar, comparando com os relatos de seus parentes.

Pedimos para que os alunos pudessem usar as escalas, pois, relacionado ao pré-diagnóstico, a maioria dos alunos são das áreas rurais (onde os quintais assumem uma escala maior), outros alunos são do centro mais urbano (onde há casas que nem tem quintais, porém há memórias de quintais, pois alguns jovens já fizeram a mudança das casas, como por exemplo, moravam com os avós (sítio) agora moram com seus pais (cidade), assim como os jovens que vivem em áreas urbanas mais afastadas do centro (onde os quintais são intermediários na escala).

Em nossas observações percebemos que os alunos tinham dificuldades tanto com a escrita, quanto com o fato de retratar em uma carta croqui a escala do espaço, então levamos um modelo de croqui sobre o quintal do bolsista Matheus Reis para que pudessemos explicar, como o mesmo havia pensado e feito o mapa, aplicando a representação e a simbologia usada. Os aparentes resultados vieram, e em uma das redações percebemos que o aluno descreveu um quintal que não faz mais parte do seu cotidiano, mas que ficou na construção da memória afetiva de lugar do aluno.

Isso implica dentro de uma cartografia social, o desenrolar das estruturas familiares, ligadas ao fato sobre como se dão as configurações e realidades de muitas famílias. A pergunta é: como esse aluno conseguem perceber o aprendizado sobre o ensino de geografia na sua vida? (Não procuramos saber se essa mudança vem por conta dos estudos e das facilidades de morar na cidade, ou por conta das estruturas familiares, mas consideramos que o quintal de sua infância, (no caso desse aluno especificamente) contribuiu para que o aluno percebesse a presença desse ensino de geografia na sua vida).

O resultado não veio em massa para esta pergunta, pois alguns entregaram as redações e os croquis, outros fizeram os croquis e escreveram as redações depois. Mas diante disso, compreendemos que o fato de não terem sido alfabetizados cartograficamente as dificuldades permanecem. Porém, alguns resultados foram satisfatórios, pois consideramos que os alunos captaram a relação que deveria ser feita, assim como apresentaram redações com ideias bem escritas, (embora existam os erros ortográficos) e conseguiram relacionar a descrição do espaço com a apresentação dos croquis, considerando escala e simbologia da cartografia básica. Para esta etapa, utilizando a cartografia social como base do

projeto, assim como o conceito de lugar, segundo Tuan (1983, p. 83, 19 *apud* Staniski, Kundlatsch e Pirehowski, 2014, p. 4),

“Quando o espaço nos é inteiramente familiar torna-se lugar”. Espaço e lugar se relacionam, existem três tipos principais de espaços “o mítico, pragmático e abstrato”, espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para a pessoa, lugar é mais concreto que espaço.

Nesse ponto percebemos a transcrição tanto nos croquis quanto nas redações a afetividade presente e as relações dos alunos com os seus respectivos quintais (lugar de construção de memória, identidade e afeto) a concretude desse lugar, que formam os alicerces da vida do aluno, pois sua identidade, com esse lugar de memória, reforça seu pertencimento ao mesmo. Isso ficou claro nos relatos escritos e na roda de conversa no momento de culminância da aplicação do projeto. Eles conseguiram associar as leituras dos relatos de algumas redações, no qual eles não sabiam de quem eram os croquis que passavam em suas mãos como objeto de observação.

De forma geral, nossos resultados não fecham as possibilidades das quais este projeto pode alcançar, pois são inúmeras as possibilidades, porém dentro de nossas escolhas, conseguimos confirmar alguns pontos e desconstruir outros. O professor quando trata a cartografia no ensino de geografia de forma assertiva poderá ter os resultados nos quais poderá diferenciar suas aulas e aplicação do próprio ensino. Como podemos ver com Castellar (2009, p. 123),

Estudar o lugar de vivência é vincular-lhe questões presentes em várias escalas de análise e permitir a associação criativa e referenciada na experiência concreta, de evidente maior capacidade de transmissão e fixação de conhecimentos.

Podemos fazer uso de tecnologias, mas também podemos usar instrumentos básicos e simples em sala de aula para ensinar cartografia. Compreender nossos alunos e seus perfis é uma boa perspectiva para a escola aplicar diagnósticos, para trabalhar pontos específicos apontados por resultados dos diagnósticos e a partir disso traçar estratégias de Ensino de Geografia, fazendo um diálogo entre professor e escola, escola e aluno, aluno e professor. Outro ponto a ser desconstruído é que a cartografia está associada a um sistema de tecnologias complexas, com este trabalho avaliamos que mesmo as tecnologias só causam os efeitos esperados, quando o professor compreende a importância de fazer uso delas. A produção de

um simples croqui nos contou mais coisas que imaginamos e nos possibilitou compreender a importância da cartografia e do Ensino de Geografia na escola.

Outra relevância é o próprio uso da cartografia social e o alcance que pode ser fomentado com o uso dela, vejamos no trecho do artigo de Dos Santos (2017, p. 275).

A cartografia social deverá ser inserida no contexto escolar como um agente de construção dos procedimentos que levam a reflexão sobre situações abordadas no processo de cartografar. As reflexões dos agentes sociais partem de seus conhecimentos tradicionais.

Esses conhecimentos tradicionais são construídos ao longo da vivência desse aluno no seu quintal, na sua casa, na sua rua, no seu bairro, na sua escola e em qualquer outro lugar no qual ele se sinta parte e que o acompanhe ao longo da vida pela tradição ou afetividade. Com isso, o Ensino se aproxima mais do entendimento pelas suas vivências, fazendo com que eles se sintam parte do processo de construção, gerando valorização para todos os envolvidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto foi pensando em um tempo hábil, com aplicação de poucos recursos, mas com uma base de pré-diagnóstico realizado por meio de pesquisa aplicada em salas de aulas, do 6º ano do Fundamental Maior ao 3º ano do Ensino Médio, pelos grupos do PIBID de Geografia, do IFPA (Instituto Federal do Pará), Campus-Bragança. Consideramos que este projeto contemple os objetivos maiores de uma educação cartográfica no Ensino de Geografia, nessas áreas de escolas mais afastadas do centro da cidade, e com índice de educação geográfica, fora do esperado dos índices do Ensino nacional, entre regiões e cidades.

Dessa forma, podemos contribuir com uma ação conjunta de professores e alunos para falar sobre como podemos direcionar nossos olhares para a cartografia, assim como compreender a ideia de que a cartografia deve fazer parte dos direitos básicos dos cidadãos (alunos), em compreenderem seus papéis sociais dentro de seus lugares e o quanto a afetividade com os locais (quintais) atravessam nossas vivências e contribuem para uma cartografia social com elementos únicos, pois cada espaço conta de quem vivencia no lugar.

Isso também implica na construção de aulas mais dinâmicas, objetivas e com atuação e participação do aluno, a cartografia social tem nos aproximado disso,

assim como tem aproximado os saberes tradicionais dos saberes oficiais da geografia. A participação dos alunos na construção de projetos valoriza o aprendizado e denota a valorização do aluno, em uma construção de conhecimento em conjunto e não apenas do professor para o aluno.

Percebemos que os projetos de pesquisa, quando bem direcionados, atingem seus objetivos e isso pode ser aplicado na cartografia com o uso da criatividade, em aulas em que a brincadeira pode se torna fonte da pesquisa de muitos projetos. O “Cartografando quintais: Memórias, História e o Ensino de Geografia” trabalhou a cartografia social, associada aos afetos e o conceito de lugar da geografia Humana com o intuito de contribuir com o a Cartografia oficial e o Ensino de Geografia. Consideramos que fomentamos a alfabetização cartográfica, assim como reforçamos os laços de identidades, fortalecendo o que a Ciência antropológica denota sobre pertencimento.

Reviver a História do lugar, mesmo em jovens que tenham vivido menos de duas décadas, fizeram estes alunos despertarem para as observações do que lhe ocorre, em contrapontos das mudanças que produzimos a todo momento no espaço, assim como enraizando a ideia de que nossas vidas são compostas de ações que envolvem a todo momento as ciências, sejam elas quais forem (nesse caso o Ensino de Geografia). Esta é apenas uma abertura de outras aberturas, para que outros trabalhos possam considerar o que aqui foi feito, para que tenham compreensão que mais trabalhos e projetos precisam serem desenvolvidos nesse viés, principalmente onde a ciência pode chegar fora da sala de aula, como por exemplo, aqui foram os quintais de nossos alunos que enriqueceram uma alfabetização cartográfica humanizada.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor supervisor Elisamar Silveira de Sousa pela recepção à escola Monsenhor Mâncio Ribeiro e por nos acolher em sua sala de aula, contribuindo para nossa formação e nos auxiliando no decorrer das atividades desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de.; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço Geográfico: Ensino e representação**. 16º ed. São Paulo: Contexto, 2009. 96 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 4 mar. 2024.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

DOS SANTOS, D. **CARTOGRAFIA SOCIAL**: O estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 273–293, 2017. DOI: 10.18764/2446-6549/interespaco. v2. n6. P 273-293. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6497>. Acesso em: 4 mar. 2024.

STANISKI, A.; KUNDLATSCH, C. A.; PIREHOWSKI, D. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. *Perspectiva Geográfica*, [S. l.], v. 9, n. 11, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/11154>. Acesso em: 4 mar. 2024.